

ECOS DA GUERRA FRIA NOS MUNDIAIS DE BASQUETEBOL MASCULINO (1954, 1959 E 1963).

Cássio Augusto Guilherme¹

Resumo: Ao contar a história dos Campeonatos Mundiais de Basquetebol masculinos de 1954 (Brasil), 1959 (Chile) e 1963 (Brasil), este artigo objetiva relacionar os ecos da Guerra Fria às disputas e resultados das quadras. Partimos da hipótese de que os resultados destes Mundiais podem ser melhor compreendidos se os relacionarmos às relações internacionais político-militares da época e vice-versa. Para tanto, utilizamos a imprensa como fonte de informação e a bibliografia pertinente ao contexto. Como resultado, ficará perceptível que, no contexto de início da Guerra Fria, o antagonismo EUA e aliados x URSS e aliados, incidiram decisivamente nos resultados das quadras de basquetebol nos Campeonatos Mundiais organizados pela FIBA.

Palavras-chave: Basquetebol, Guerra Fria, EUA, URSS.

Echoes of the Cold War in the Men's Basketball World Cups (1954, 1959 and 1963)

Abstract: When discussing the history of the Men's Basketball World Cup in 1954 (Brazil), 1959 (Chile) and 1963 (Brazil), this article aims to relate the echoes of the Cold War to the squad's disputes and results. We start from the hypothesis that the results of these Basketball World Cups can be better understood if we relate them to the international politico-military relations of that time. Therefore, we use the press as a source of information and the bibliography relevant to the context. As a result it will be evident that, during the onset of the Cold War, the antagonism between US and allies vs. USSR and allies the antagonism reflects on the results of the basketball courts at the World Championships organized by FIBA.

Keywords: Basketball, Cold War, USA, USSR.

¹ Professor da Faculdade de História (FaHist) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução:

O esporte, como toda atividade cultural, não está descolado de seu contexto histórico. Entretanto, como provoca Hilário Franco Júnior “talvez por serem implicitamente considerados expressões menores, os jogos são pouco examinados nas suas conexões histórico-culturais” (2017, p.9). Embora o autor esteja se referindo ao futebol, mesmo que a chamada “Nova História” tenha ampliado tanto o leque de documentos quanto os objetos e atividades humanas analisáveis em pesquisas historiográficas (BURKE, 2011), ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que se dedicam ao esporte.

Aqueles que costumam acompanhar as competições esportivas com o mínimo de esforço reflexivo, facilmente percebem que, por exemplo:

Em muitos dos fatos mais marcantes da história dos Jogos Olímpicos e dos grandes eventos que envolvem atletas empenhados em ganhar medalhas aconteceram notórios embates travados simultaneamente por inimigos fidalgos da política. E, não raras ocasiões, disputas que antagonizaram líderes políticos respingaram em estádios, pistas, quadras, piscinas, tatames e ginásios. (PIPERNO, 2016, p.13).

Para ficarmos em alguns exemplos clássicos e de conhecimento geral sobre os Jogos Olímpicos de Verão: Hitler usou o evento de 1936 em Berlim como propaganda do regime nazista; os Estados Unidos da América (EUA) lideraram um boicote à Olimpíada de Moscou em 1980; como resposta, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) fizeram o mesmo na Olimpíada de 1984 em Los Angeles. No futebol, vários governos ditatoriais – e também os eleitos democraticamente – aproveitaram a popularidade do esporte para capitalizar politicamente: o regime fascista italiano nas copas de 1934 e 1938, a ditadura brasileira em 1970 e a ditadura argentina em 1978.

Este artigo, ao contar a história dos Campeonatos Mundiais de Basquetebol masculinos de 1954 (Brasil), 1959 (Chile) e 1963 (Brasil), objetiva relacionar os ecos da Guerra Fria às disputas e resultados das quadras. Em 1954, o governo brasileiro negou visto de entrada no país às seleções da URSS, Hungria e Tchecoslováquia, países comunistas² com os quais não mantinha relações diplomáticas, enfraqueceu o nível técnico da competição e possibilitou o primeiro título ao selecionado dos EUA. Em 1959, a URSS e a Bulgária se negaram a enfrentar a seleção da “China Nacionalista” (Formosa ou Taiwan) cujo território era reivindicado pela China comunista. Tal fato garantiu o primeiro título mundial ao Brasil. Em 1963, as Filipinas, país sede, impede a entrada das seleções comunistas, o torneio é transferido para o Brasil que se sagrou bicampeão. Assim, nossa hipótese é que os resultados destes Mundiais podem ser melhor compreendidos se os

² Uma ressalva se faz necessária. Ao longo deste texto o termo “comunista” é utilizado no sentido de denominação dada pelo mundo ocidental aos habitantes/jogadores dos países do Leste Europeu e/ou alinhados ao Pacto de Varsóvia ou mesmo como autodenominação destes. Nosso objetivo ao utilizar o termo “comunista” não é o de afirmar que tais habitantes/jogadores fossem adeptos da ideologia comunista ou mesmo que vissem em um Estado efetivamente comunista.

relacionarmos às relações internacionais político-militares da época e vice-versa.

Como fontes para este artigo, utilizamos, além da bibliografia sobre o contexto político da época, os jornais *O Estado de S. Paulo* (*Estadão* ou *OESP*), *Jornal do Brasil* (*JB*) e o *Diário de Notícias* (*DN*)³. Como defende Tania Regina de Luca, uma vez aplicadas as metodologias próprias do trabalho historiográfico destinadas à análise documental, além de se fazer uma “História **da** imprensa”, é possível mobilizar tais fontes para uma escrita da “História **por meio da** imprensa” (2011, p.111 – grifos do original).

Antecedentes e contexto da Guerra Fria:

No pós-II Guerra Mundial, a retórica de ambas superpotências, principalmente da estadunidense, era de que a destruição mútua se aproximava. Eric Hobsbawm (1995) defende que a URSS não tinha planos expansionistas de dominar o mundo e mais temia perder as zonas de influência conquistadas em 1945. Apesar disso, a Guerra Fria dominou o cenário internacional nas áreas política, econômica, ideológica e cultural.

O medo de uma nova grave crise econômica como a que atingiu o mundo capitalista alguns anos depois da I-Guerra Mundial e o cenário propício às revoluções operárias tanto na Europa em ruínas quanto na América Latina em processo de industrialização e com histórica desigualdade, se tornaram campos férteis para a histeria da “conspiração comunista mundial” prestes a tomar o poder. Hobsbawm (1995) não deixa de reconhecer esta retórica apocalíptica era útil eleitoralmente para os políticos ocidentais fazerem suas políticas internas e externas.

No mesmo sentido, enfatiza Paulo Vizentini (2008) que, para se estruturar no contexto de relações internacionais, a retórica da Guerra Fria lançou mão de mitos, imagens e visão maniqueísta na propaganda por bens culturais. A imprensa, o cinema, a música e também o esporte foram usados tanto pelos EUA como pela URSS para projetar os aspectos positivos de sua sociedade e demonizar o lado concorrente. Nos produtos culturais ocidentais, os soviéticos eram representados “como ‘máquinas’ a serem vencidas: fortes, frios e calculistas, incapazes de sorrir ou então expressar qualquer traço humanista” (SOUZA e MARCHI JÚNIOR, 2013, p.572).

No plano político militar, os primeiros anos de Guerra Fria foram consumidos em diversas reuniões de cúpulas dos presidentes, ministros e chanceleres dos EUA, URSS e países europeus. A Conferência de Potsdam (1945) dividiu a Alemanha em zonas de influência: em 1949 a parte ocidental apoiada pelos EUA formou a República Federal da Alemanha (RFA) e, no mesmo ano, a parte oriental apoiada pela URSS formou a República Democrática Alemã (RDA). Entre 1950-1953 a Guerra da Coreia se transformou no primeiro embate indireto do poderio militar-econômico das duas superpotências.

Neste contexto, os governos estadunidenses promoveram uma série de políticas para conter tanto a expansão econômica da URSS, quanto a

³ Ambos periódicos têm seus acervos digitalizados e disponíveis online para consulta. O *Estadão* em seu site próprio e o *JB* e *DN* no site da Hemeroteca.

influência da ideologia comunista. A Doutrina Monroe de final do século XIX já deixava claro que a América Latina estava fora do alcance de qualquer outra potência que não os EUA; o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar) (1947) efetivou a “política de boa vizinhança” para impedir a expansão comunista; a Doutrina Truman (1947) emprestava apoio às lutas anticomunistas no mundo; o Plano Marshall ajudou economicamente a reconstrução das economias da Europa sob influência dos EUA; a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (1948) organizou militarmente os países ocidentais.

Conforme demonstra Luiz Felipe Viel Moreira e outros (2010), embora a Guerra e o pós-Guerra favorecessem as exportações dos países latinos, foram complexas as consequências sociais do processo de industrialização. No plano político, os novos governos alternaram a promoção de reformas para acalmar os conflitos sociais com repressão às esquerdas. “Esta prática abriu o caminho a governos autoritários e legitimou o derrocamento de vários governos democráticos” (2010, p. 217) no continente.

No Brasil, o fim da II-Guerra também significou o fim da ditadura do Estado Novo varguista, a formação de partidos políticos e a eleição de General Eurico Dutra para presidente, com apoio de Vargas. Dutra tinha histórico anticomunista e no processo de redemocratização havia se oposto à legalização do Partido Comunista (PCB). Na mesma eleição o PCB elegeu 14 deputados e 01 senador e se firmou como o quarto maior partido do país.

Desde o início, o governo Dutra se caracterizou pela “repressão aos movimentos sociais e às organizações políticas de esquerda” (MUNHOZ, 2002, p. 47). Thomas Skidmore (1982) mostra que, em 1946, o governo expurgou funcionários públicos membros do PCB o que não impediu o crescimento do partido nas eleições estaduais do ano seguinte com cerca de 200 mil filiados, o maior PC do continente. A reação do governo Dutra foi imediata: em 1947, com apoio do governo e dos militares, o partido foi posto na ilegalidade e diversos sindicatos sofreram intervenção ou foram fechados. No mesmo ano de 1947, ainda como parte dos embates da Guerra Fria, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a URSS e foi seguido por outros países latinos que passavam pelo mesmo processo de alinhamento estadunidense e expurgo comunista. Neste período é possível “detectar a gênese de uma cruzada anticomunista que possuía tanto raízes endógenas quanto exógenas” (MUNHOZ, 2002).

Também no imediato pós-II Guerra voltou a se realizar eventos esportivos a níveis mundiais⁴, então interrompidos por conta do conflito militar. Londres recebeu os Jogos Olímpicos já em 1948, apesar da ainda grande quantidade de ruínas resultantes dos ataques aéreos alemães. Os EUA que saíram da II-Guerra como maior potência econômica e militar, confirmou o posto também no quadro de medalhas, seguidos por Suécia, França e Hungria.

A URSS ainda não participaria da competição, mas “enviou um corpo de especialistas para analisar os atletas e os métodos de treinamento

⁴ Os Jogos Olímpicos de Inverno também ficaram suspensos durante a II Guerra e retornaram no mesmo ano de 1948, na Suíça e sem a participação da URSS. O vencedor no quadro de medalhas foi a Noruega. Os EUA ficaram em quarto lugar, mas com apenas uma medalha de ouro a menos que os noruegueses.

adotados” (SOUZA e MARCHI JÚNIOR, 2013, p. 573). Mostra Diego Santos Vieira de Jesus (2010), que a partir da década de 1930, o governo soviético superava a visão de crítica ao “esporte competitivo burguês” e passa a fortalecer o uso do esporte na política externa, para ampliar o prestígio e superioridade do regime comunista. Ao sair da II Guerra em posição internacional privilegiada, a URSS passa a aderir às federações esportivas, pois:

Os líderes soviéticos perceberam que poderiam não apenas participar de tais federações, mas negociar concessões – como a colocação de representantes soviéticos em posições de vice-presidência ou liderança de comitês executivos e a inclusão do russo como língua oficial – e criar coalizões dentro das federações para conter a influência norte-americana no contexto da Guerra Fria (2010, p. 15).

Em 1950, poucos meses depois de o Brasil sediar mais uma edição da Copa do Mundo de Futebol, a Argentina recebeu o primeiro Campeonato Mundial de Basquetebol organizado pela Federação Internacional de Basquetebol Amadora (FIBA)⁵. No governo nacionalista do eleito Coronel Juan Domingo Perón, a seleção argentina foi campeã e os EUA, representados por uma equipe alternativa, ficou em segundo lugar, seguidos por Chile e Brasil. As disputadas ideológicas fizeram com que o selecionado da Iugoslávia, governada por Josip Tito, já afastada da influência soviética e recebendo ajuda do Plano Marshall estadunidense, se recusasse a entrar em quadra⁶ pra enfrentar a equipe da Espanha governada pelo fascista Francisco Franco.

O “bola ao cesto” ou “Cestobol” foi inventado por um professor de educação física canadense em um colégio cristão de Springfield (EUA), no final do século XIX. O esporte estreou nos Jogos Olímpicos de Verão de 1938 em Berlim, vencidos pelos EUA que repetiram a conquista em 1948 em Londres. Os estadunidenses sempre mantiveram a hegemonia das conquistas olímpicas, mas nos Campeonatos Mundiais houve grande alternância de campeões.

Tantos os EUA quanto a URSS viam os Jogos Olímpicos de Verão como imprescindíveis na propaganda do seu modelo político, econômico, cultural e ideológico de sociedade. “Na Guerra Fria, o esporte transformou-se em arma e arena de propaganda ideológica. Medalhas olímpicas serviam de estoque publicitário no marketing ideológico internacional” (VASCONCELOS, 2011, p. 101). A Olimpíada de Helsinque, na Finlândia em 1952, marcou a estreia da URSS na competição. No primeiro grande embate esportivo entre as duas superpotências, os EUA ficaram à frente no quadro de medalhas, seguidos pelos soviéticos, húngaros e suecos. O bloco socialista liderado

⁵ A FIBA foi criada em 1932 na cidade de Genebra, Suíça. Somente a partir de 1989 a FIBA passou a permitir a participação de atletas profissionais em suas competições e retirou o “amador” de seu nome.

⁶ Embora o jogo não tivesse qualquer importância para a classificação geral pois fez parte do grupo que disputava entre o sétimo e décimo lugar da competição, apenas os espanhóis entraram em quadra e venceram pelo placar de 2 x 0.

pelos soviéticos conquistou um terço das medalhas. No basquete também os estadunidenses levaram o ouro sobre o selecionado soviético.

1954 – O Brasil impede a participação dos países comunistas e os EUA são o campeão:

O II Mundial de Basquetebol tinha previsão de acontecer na cidade de São Paulo como parte das comemorações do IV Centenário da fundação da cidade. Tendo Adhemar de Barros como governador e Jânio Quadros na prefeitura, a construção do ginásio do Ibirapuera não ficou pronta a tempo de receber o evento no final de outubro. A solução encontrada foi transferir o campeonato para o Rio de Janeiro, então capital do país.

No início do ano, o ginásio do Maracanã já estava em construção, porém havia paralisação por conta do não repasse de verba pela prefeitura do Distrito Federal, então administrado por Dulcídio Cardoso. Em janeiro, o jornal *Diário de Notícias* caracteriza a situação como “aflitiva diante dos compromissos assumidos perante entidades estrangeiras”⁷. As obras são retomadas em março, mas, a exatamente um mês do início da competição, o mesmo jornal noticia que os políticos federais e municipais ainda discutem a pressão sobre o presidente Café Filho para que ele cumpra o compromisso assumido pelo ex-presidente Getúlio Vargas “consoante à concessão da subvenção de 10 milhões de cruzeiros”⁸ destinados à conclusão das obras. Como se percebe, o Mundial de Basquetebol aconteceria poucos dias após o suicídio de Vargas.

Já a uma semana do início dos jogos, o prefeito publicou uma matéria paga no mesmo jornal com “as realizações da atual administração da Prefeitura” na qual destaca as “obras da administração Dulcídio Cardoso”. Sobre o Ginásio do Maracanã, diz o texto que o prefeito “não poupou esforços” para entregar a obra que terá capacidade para 30 mil pessoas, contará com cadeiras numeradas, galerias, espaço para autoridades e a imprensa⁹. Apesar dessa propaganda política, o fato é que entre setembro e novembro o Distrito Federal foi administrado por Alim Pedro – após indicação de Café Filho – e este negou ajuda por conta da “situação difícil que no momento atravessam as finanças da Municipalidade”¹⁰.

A Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB), que organizava a competição, lançou um plano de financiamento para conseguir realizar o Mundial. No dia 07 de outubro, quinze dias do início dos jogos, foi lançada a antecipação de compra de ingressos e cadeiras do ginásio. Segundo relatos do *Jornal do Brasil*, várias empresas como a Cervejaria Brahma, políticos como presidente Café Filho, além dos governos de outros Estados aderiram à campanha¹¹. No dia da abertura, porém, assim descreveu o *Estadão*:

Tal como aconteceu com o Estádio, o Ginásio do Maracanã não ficou pronto para o II Campeonato Mundial de Bola ao Cesto, que deveria ser realizado em São Paulo [...] obras

⁷ *Jornal Diário de Notícias*, 30/01/1954, p.16.

⁸ *Jornal Diário de Notícias*, 22/09/1954, p.16.

⁹ *Jornal Diário de Notícias*, 13/10/1954, p.15.

¹⁰ *Jornal do Brasil*, 25/09/1954, p.11.

¹¹ *Jornal do Brasil*, 09, 10 e 12/09/1954.

provisórias e arrumações diversas foram então feitas para permitir o início do certame na data marcada. Assim é que o público não terá, sequer instalações sanitárias, os jogadores [...] terão de valer-se de acomodações rústicas improvisadas, onde os banheiros são difíceis, e aqueles que pagaram elevados preços pelas cadeiras, a fim de se acomodarem durante as partidas, terão de sentar-se nas oferecidas pelas fábricas de cervejas¹².

Embora fosse bicampeão europeu de basquetebol¹³, a URSS não foi convidada pela CBB para disputar o torneio no Brasil. O envio de uma carta dos dirigentes soviéticos no início de 1954 provocou tanto a FIBA quanto os organizadores brasileiros e deu início a meses de discussões. O *Diário de Notícias* então informou que o governo brasileiro é quem decidiria sobre a participação da seleção do país comunista, pois para a CBB não haveria impedimento, mas “como se sabe, o nosso país não mantém, presentemente, relações diplomáticas com a Rússia”¹⁴.

Nos meses seguintes, o mesmo jornal seguiu acompanhando a polêmica. Diplomatas soviéticos criticaram a postura do governo brasileiro de Getúlio Vargas: “O esporte nada tem a ver com a política, e só levamos em conta o valor esportivo de uma equipe estrangeira e não a política de seu país” teria declarado um membro do Ministério do Exterior da URSS¹⁵. Oficialmente, em abril, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, então dirigido pelo jurista Vicente Rao, anunciou que não daria visto à seleção soviética “por não haver representação diplomática entre os dois países”¹⁶.

Apesar das críticas da FIBA¹⁷, fato é que as seleções da URSS, bicampeã europeia, Hungria, vice-campeã e Tchecoslováquia, quarta colocada no europeu, todos países comunistas em contexto de Guerra Fria, não participaram do II Mundial de Basquetebol no Brasil, então completamente alinhado à política externa estadunidense. O continente europeu foi representado apenas pelos selecionados da França, terceira colocada no europeu e de Israel e Iugoslávia, respectivamente quinto e sexto naquele torneio continental. Sem as principais potências europeias na competição e também com a desistência da atual campeã Argentina¹⁸, os EUA eram os grandes favoritos. Segundo o *Diário de Notícias*, os estadunidenses enviaram ao torneio a equipe da Caterpillar¹⁹, então campeão amador do país²⁰.

¹² Jornal *O Estado de S. Paulo*, 24/10/1954, p.19.

¹³ Entre 1951 e 1981 a URSS manteve grande hegemonia nos títulos do Europeu de Basquetebol. Foram 12 títulos e outros 2 vice-campeonatos. No mesmo período a Iugoslávia venceu 03 vezes nos anos 1970 e a Hungria uma vez em 1955.

¹⁴ Jornal *Diário de Notícias*, 23/01/1954, p.16.

¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, 17/02/1954, p.16.

¹⁶ Jornal *Diário de Notícias*, 24/04/1954, p.16.

¹⁷ Jornal *Diário de Notícias*, 17/09/1954, p.16.

¹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, 08/09/1954, p.16.

¹⁹ Segundo o próprio site da empresa, a equipe era formada por funcionários de escritório da fábrica. Cinco atletas já haviam participado da conquista do ouro na Olimpíada de 1952. Fonte: goo.gl/CDYjbB

²⁰ Jornal *Diário de Notícias*, 01/06/1954, p.17.

No Brasil, o basquetebol permanecia amador e sem competições nacionais regulares. Mesmo o Campeonato Paulista não foi realizado nos anos de 1948 a 1950 e em 1953. No ano do Mundial, o torneio estadual foi vencido pelo Corinthians. O Campeonato Carioca era mais regular e, naquela década hegemônico pelo Flamengo. O selecionado brasileiro foi reunido pelo técnico Togo Renan Soares (Flamengo), popularmente conhecido como “Kanela” e tinha por base atletas que jogavam no eixo Rio-São Paulo. O “five” de “cestobolistas” brasileiros tinha como base Angelo Bonfietti, popular Angelim (Corinthians), Zenny de Azevedo, chamado Algodão (Flamengo), Wlamir Marques (XV de Piracicaba), Amaury Passos (Tietê-SP) e Mayr Facci (Ponta Grossa-PR). Tanto Amaury quanto Wlamir disputaram a competição com apenas 18 anos de idade.

Os dois jornais cariocas aqui analisados dão grande cobertura e repercussão ao Mundial na cidade, idem quanto ao jornal paulistano. São noticiados diariamente, desde a chegada das seleções estrangeiras ao país, os treinos do selecionado brasileiro a lista com o nome e altura dos atletas visitantes. Segundo o *JB*, havia forte propaganda do campeonato na cidade, a expectativa era de ginásio lotado em todos os jogos, a transmissão pelas rádios foi liberada, enquanto o preço para filmagem foi fixado em Cr\$ 1 mi²¹. Interessante notar a diferença de nomenclatura usada pelos periódicos: para o *Estadão* é “Cestobol” ou “Bola ao Cesto”, para o *Diário de Notícias* é “Basquetebol” enquanto o *Jornal do Brasil* usa o termo “Basket-ball”.

Na leitura dos jornais, é constante a referência à grande participação do público no ginásio do Maracanã, o que possibilitou comemoradas rendas de bilheteria aos organizadores do evento. Diz o *JB* que os estrangeiros que vieram ao Brasil para acompanhar o campeonato estariam maravilhados com o gigantismo arquitetônico do Ginásio e com a empolgação da torcida brasileira²². Porém, sem os selecionados mais fortes da Europa impedidos de disputar a competição²³ por questões políticas da Guerra Fria, logo nos primeiros dias *OESP* já sentencia que: “os Estados Unidos dão impressão de que vencerão o certame, dada sua invejável técnica”²⁴.

Em 05 de novembro de 1955, os EUA venceram o Brasil, confirmaram o favoritismo e conquistaram, pela primeira vez, o Campeonato Mundial de Basquetebol masculino, feito que só se repetiria em 1986, na Espanha. O *JB*, além de publicar uma grande foto do selecionado brasileiro, assim noticiou o fato: “devemos dizer que não foi surpresa o resultado [...]. Os cestobolistas *Iankees* confirmaram sua alta classe e categoria, vencendo o *five* do Brasil por 62 a 41”²⁵. Já o *Estadão* foi mais aperreador na avaliação da partida:

A superioridade dos norte-americanos sobre os nossos marcadores foi patente. Os brasileiros pareciam principiantes

²¹ *Jornal do Brasil*, 14/10/1954, p.11.

²² *Jornal do Brasil*, 28/10/1954, p.13.

²³ Ao todo foram 12 seleções no Mundial: grupo A teve Brasil, Filipinas e Paraguai; grupo B com EUA, Canadá e Peru; grupo C de Uruguai, França e Iugoslávia; grupo D com China Nacionalista (Formosa ou Taiwan), Israel e Chile. Os dois primeiros colocados de cada grupo, conforme a ordem acima, disputaram um hexagonal final.

²⁴ *Jornal O Estado de S. Paulo*, 27/10/1954, p.13.

²⁵ *Jornal do Brasil*, 06/11/1954, p.10.

no que se refere aos lances à cesta, cujo número de arremessos perdidos foi superior ao de aproveitados. Os ‘cestinhas’ da representação brasileira perdiam os arremessos à cesta de maneira bisonha, fazendo inclusive calar a enorme assistência que lotou totalmente o moderno ginásio do Maracanã. O público esportivo que acompanhou de perto o bola ao cesto sabia, antecipadamente, que o Brasil não poderia, em hipótese alguma, vencer os norte-americanos²⁶.

Apesar da reprovação do matutino paulista, o Brasil fez excelente campanha na competição em que terminou com o vice-campeonato. Amaury Passos foi o cestinha do país, seguido por Angelim e Wlamir que junto com Algodão foram eleitos para a seleção do torneio. Do total de nove partidas, o selecionado brasileiro venceu oito e perdeu apenas esta partida final para os EUA que terminaram campeões invictos. O terceiro lugar ficou com as Filipinas, seguida da França. O *Estadão* ainda noticiou que a arrecadação total do torneio foi de mais de Cr\$ 9 mi²⁷.

1959 – Os comunistas se negam a enfrentar a “China Nacionalista” e o Brasil é campeão:

Entre os anos de 1955 e 1959, quando o Chile recebeu na segunda quinzena de janeiro o III Campeonato Mundial de Basquetebol, a Guerra Fria entre EUA e URSS teve outros acontecimentos relevantes. Em 1956, Nikita Krushev pronunciou o famoso discurso em que apontou os abusos cometidos por Josef Stálin. No ano seguinte, os soviéticos assumiram a dianteira da “corrida espacial” ao lançar ao espaço o Sputnik, primeiro satélite artificial e alguns meses depois o Sputnik II fez da cadelinha Laika o primeiro ser vivo a ir ao espaço. Em 1 de janeiro de 1959 os revolucionários cubanos entraram vitoriosos em Havana e logo transformariam a ilha de Cuba num enclave comunista na América Latina tida pelos EUA como seu quintal de influência política e ideológica.

A cidade de Melbourne recebeu os Jogos Olímpicos de verão em 1956. Depois do primeiro embate entre soviéticos e estadunidenses nos Jogos anteriores, que marcaram a estreia da URSS na competição, os Jogos da Austrália significaram “o retorno material e simbólico esperado pelo regime comunista [...] quando a União Soviética conseguiu superar os Estados Unidos no número de medalhas de ouro/prata/bronze e, por conseguinte, no número total” (SOUZA e MARCHI JUNIOR, 2013, p.573) terminando assim a competição em primeiro lugar geral, seguido dos EUA em segundo. Foi a primeira vitória da URSS sobre os EUA, porém, na quadra de basquetebol, os estadunidenses ganharam o bicampeonato, mais uma vez sobre os soviéticos que ficaram com a prata e o Uruguai com o bronze.

Se em Melbourne o Brasil também comemorou o segundo ouro consecutivo de Adhemar Ferreira da Silva no salto-triplo, foi em 1958 a grande conquista esportiva do país. Depois de dois fracassos seguidos, como mostra Hilário Franco Júnior, circulava no país “a tese de que, se a

²⁶ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 07/11/1954, p.20.

²⁷ Idem.

miscigenação do povo brasileiro criava futebolistas habilidosos, era também causa de sua fraqueza psicológica, de sua incapacidade de lidar com as pressões inerentes às grandes competições” (2017, p.38). O clima político do governo Juscelino Kubitschek propagava confiança no crescimento econômico do Brasil pela via do investimento estatal e planejamento, o que também refletiu no futebol. A CBD dirigida pelos empresários João Havelange e Paulo Machado de Carvalho investiram em dentistas, psicólogos, médicos e preparadores físicos. A seleção brasileira de futebol, com grande inovação tática ao fazer o esquema 4-2-4 alternar com o 4-3-3, sendo Zagallo o homem do recuo, venceu sua primeira Copa do Mundo, na Suécia, em 1958.

A empolgação pelo título do futebol e o novo momento econômico do país fizeram com que o jornal *O Estado de S. Paulo* tivesse em Antonio Lucio o “nosso enviado especial” para cobrir em riqueza de detalhes o III Campeonato Mundial de Basquetebol no Chile. Mais uma vez o selecionado brasileiro, pelo técnico Kanela, ficou entre atletas do eixo Rio-São Paulo com destaque para os sempre atuantes: Algodão (Flamengo), Wlamir (XV de Piracicaba), Amaury (Sírio-SP), Edson Bispo (Vasco), Waldemar (XV de Piracicaba), Pedro Fonseca, o “Pecente” (XV de Piracicaba) e Carmo de Souza de apelido “Rosa Branca” (Palmeiras).

Desta vez não houve impedimentos políticos e os selecionados da URSS e Bulgária, então campeões e vice da Europa, puderam participar do Mundial. Nos dias que antecedem a competição, o *Estadão* noticia a grande expectativa dos soviéticos em enfrentar os EUA e vingarem-se das derrotas nas últimas Olimpíadas²⁸. Entretanto o mesmo jornal informa que soldados da Força Aérea é que representarão o país, pois os campeonatos entre universidades “atingem o auge durante os meses de janeiro e fevereiro” que por conta das “imensas arrecadações” não podem prescindir de seus principais atletas²⁹.

As seleções foram divididas em três grupos³⁰ dos quais os dois primeiros colocados se juntariam ao Chile para a disputa da fase final com todos os jogos sendo disputados em uma quadra especialmente montada no Estádio Nacional de futebol, na capital Santiago. No Grupo B, o jogo entre Brasil e URSS foi definido pelo *Estadão* como uma “partida extremamente renhida” em que “as duas equipes disputaram a supremacia ponto a ponto”. No final, os soviéticos venceram por 73 a 65 sob a justificativa do jornal: “os árbitros, de fato, prejudicaram bastante a nossa equipe”. Apesar da derrota, o Brasil terminou o grupo à frente dos soviéticos no critério de desempate de “pontos a favor”. O mesmo jornal, porém, reconheceu que a URSS era a grande candidata ao título do torneio³¹.

²⁸ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 11/01/1959, p.22.

²⁹ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 06/01/1959, p.16.

³⁰ Grupo A de EUA, China Nacionalista (Formosa ou Taiwan), Argentina e República Árabe Unida – RAU (existente entre 1958-1961 da união do que hoje compõe os países do Egito, Síria e Iêmen); Grupo B com Brasil, URSS, Canadá e México; Grupo C para Bulgária, Porto Rico, Filipinas e Uruguai. Os dois primeiros colocados de cada grupo, conforme a ordem acima, disputaram a fase final.

³¹ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 18/01/1959, p.24.

Definidos os classificados para a fase final, aconteceu a “crise no mundial de Bola-ao-Cesto: URSS, Bulgária não aceitam Formosa”³². Quando, da elaboração da tabela para a fase final, o *Estadão* noticiou que “Inesperadamente o Campeonato Mundial tomou um ‘aspecto político’”: a delegação da URSS, subscrita pela da Bulgária, avisaram à FIBA que se recusavam a enfrentar o selecionado da “China Nacionalista”. A solução provisória foi colocar tais confrontos para os últimos dias da fase final e, até lá, convencer os búlgaros e soviéticos a mudarem de posição. Assim explicou o enviado especial do jornal aos seus leitores:

O delegado soviético disse que sua seleção não pode enfrentar a da China Nacionalista, pois essa não representa um país independente [...] teria alegado que os acordos de Potsdam estabelecem que Formosa é parte integrante da China Continental e não uma nação autônoma³³.

Enquanto os jogos da fase final aconteciam, a discussão sobre o tema continuava nos bastidores entre os delegados soviéticos e a FIBA. Em falas, os representantes da URSS retificavam a decisão de “não jogar contra a turma de Chang Kai-chec”, pois o selecionado rival “não representava os 500 milhões de chineses”³⁴. Em uma nota divulgada à imprensa e reproduzida na íntegra pelo *OESP*, os representantes soviéticos reafirmaram a posição e o motivo:

Nas conferências do Cairo e Potsdam, havia sido reconhecida a República Popular da China e a China Nacionalista foi invadida pelos soldados de Chang Cai-chec com a ajuda dos Estados Unidos da América do Norte. O povo chileno, amante da liberdade, como nenhum outro, compreenderá a reação do povo chinês em defesa de seu território e de seus direitos. De acordo com a regulamentação da FIBA, cada país deve ter só uma Federação como representante [...] a China Nacionalista não tem direito de participar³⁵.

Mas, conforme os relatos do jornal paulista, os torcedores chilenos não aceitaram com os argumentos soviéticos. Na cerimônia de abertura da fase final no Estádio Nacional, os chineses foram “muito aplaudidos” e se ouviram-se vaias aos selecionados da URSS e da Bulgária³⁶. Quando as duas equipes de países comunistas e aliadas do Pacto de Varsóvia se enfrentaram, o público e a imprensa esportiva viram “marmelada” na superioridade soviética, nos erros de arremessos e marcação displicente dos búlgaros: “e o público atira moedas em campo em sinal de descontentamento” entre vaias e gritos de “Olha a Sibéria” ou “Fuzilam-nos em Moscou se perderem a partida”³⁷.

³² Jornal *O Estado de S. Paulo*, 20/01/1959, p.18.

³³ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 21/01/1959, p.14.

³⁴ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 22/01/1959, p.14.

³⁵ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 24/01/1959, p.13.

³⁶ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 22/01/1959, p.14.

³⁷ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 28/01/1959, p.15.

Enquanto os dirigentes da FIBA ainda discutiam que punição dar à URSS caso eles não enfrentassem mesmo o selecionado chinês, aconteciam os outros jogos da fase final. O Brasil venceu a China Nacionalista por 94 a 76 e depois a Bulgária por 62 a 53. A derrota para a URSS (66 x 63) foi duramente criticada pelo correspondente do *OESP*: “os nacionais jogaram nervosamente, descontrolados, cometendo muitas faltas e, sobretudo, sem confiança nos arremessos”³⁸, “apáticos, sem velocidade, como que entorpecidos pelo vento frio que soprava em rajadas secas [...] nunca tiveram imaginação suficiente para romper a bem organizada defensiva russa”³⁹. Os brasileiros venceram Porto Rico por 99 a 71 e após a vitória sobre os EUA por 81 a 67, o *Estadão* mudava sua perspectiva: “o Brasil surge como principal candidato ao título”⁴⁰.

Os brasileiros eram os principais candidatos ao título porque, nas rodadas finais da competição, a punição aventada aos soviéticos e búlgaros caso eles não comparecessem aos jogos contra a China Nacionalista já era conhecida: a perda de todos os pontos e vitórias conquistadas na fase final no Mundial. Depois de humilhar os EUA pelo placar de 62 a 37, os soviéticos de fato não compareceram ao jogo e a FIBA confirmou as sanções prometidas. “Preferindo uma solução política, os russos entregaram um título mundial que tinham praticamente assegurado”⁴¹, disse o correspondente do *OESP*.

Assim, bastava que o selecionado brasileiro vencesse o Chile em sua última partida para que fosse campeão do Mundial. Numa “brilhante partida” o Brasil venceu por 73 a 49, sob intensos aplausos dos torcedores chilenos: “Quando termina o jogo, Waldir chora de emoção, pela conquista do título mundial de bola-ao-cesto” e “o povo gritava Brasil! Brasil! Quando nosso selecionado dava a volta olímpica”⁴². Wlamir foi o cestinha do Mundial com 119 pontos e Amaury Passos escolhido como o melhor jogador da competição.

Sabedor de que haveria uma disputa também simbólica pela legitimação do título, o *Estadão* já escrevia imediatamente: “Campeão Mundial o Brasil por direito e por justiça”, pois “sem dúvida o tipo de jogo dos brasileiros durante o Campeonato foi aquele que mais agradou ao público”. Os treinadores das outras seleções “concordaram quase unanimemente em que os brasileiros eram os que melhor tinham jogado o torneio”⁴³.

De fato, os soviéticos protestaram contra a punição recebida. Declararam que “os resultados reais do campeonato mundial foram praticamente anulados’ e que a classificação geral do campeonato ‘foi determinada não na quadra, mas no salão do Hotel Carrera”⁴⁴. Quando regressaram a Moscou, os jogadores soviéticos foram recebidos por milhares

³⁸ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 25/01/1959, p.27.

³⁹ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 28/01/1959, p.15.

⁴⁰ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 31/01/1959, p.13.

⁴¹ Idem.

⁴² Jornal *O Estado de S. Paulo*, 01/02/1959, p.27.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 03/02/1959, p.19.

de pessoas “como verdadeiros campeões do mundo”⁴⁵ e se autoproclamaram campeões, pois “o quadro soviético de bola-ao-cesto venceu o jogo principal contra os Estados Unidos, obtendo assim o título mundial”⁴⁶, teria dito a imprensa daquele país.

Enquanto isso, nos EUA, as derrotas do selecionado formado por soldados da Força Aérea, em especial a derrota para os comunistas soviéticos, geraram tristeza de torcedores e revolta do senador republicano Homer Capehart, de Indiana, “que a ninguém cede lugar em matéria de orgulho nacional” contra a “humilhação infligida” pela derrota diante da URSS. Segundo matéria do *Estadão*, o senador fez queixas ao modo de escolha dos atletas que representaram o país no Mundial e ligou a derrota à corrida espacial: “quando se trata de disparar à Lua ou à cesta, os Estados Unidos não podem manter-se ao nível da URSS”⁴⁷.

As reações acima ilustram bem o uso político do esporte. No contexto de Guerra Fria, a rivalidade era transportada para as quadras de basquetebol. Para os soviéticos, vencer os EUA em um jogo é o suficiente para se considerarem os legítimos campeões. Para os estadunidenses, a derrota para a URSS foi mais uma humilhação comparável às recentes derrotas da corrida espacial. No mesmo sentido, em trabalho que relaciona a Guerra Fria com a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972 entre um soviético e um estadunidense, Juliano de Souza e Wanderley Marchi Júnior (2013) relatam a pressão dos governantes sobre os jogadores do “match do século”.

Precisamos reconhecer que os soviéticos venceram os brasileiros nas duas vezes que se enfrentaram no Mundial. Pelos resultados do torneio, a lógica indicava que a URSS venceria a seleção de Formosa nas quadras e seria, de fato, campeã. Mas já que os soviéticos optaram por não o fazer, e têm lá as suas razões político-ideológicas, poucos meses após o primeiro título na Copa do Mundo de futebol, o Brasil conquistou também o seu primeiro e legítimo título de campeão do Campeonato Mundial de Basquetebol.

Os atletas foram recebidos com festa nos aeroportos de São Paulo e Rio de Janeiro. O *Estadão* noticia muitos confetes, serpentinas, desfile em carro aberto pelas principais ruas da capital do país⁴⁸ e encontro com o presidente JK, que não deixou de capitalizar politicamente o feito ao dizer que deu sorte ao esporte brasileiro e convidar os atletas campeões a conhecer Brasília. Merece registro ainda a festa feita na cidade de Piracicaba “aos cestobolistas Vlamir, Pecente e Waldemar”, que atuavam no time do XV de Novembro⁴⁹.

1963 – Filipinas impede a participação de comunistas e o Mundial volta ao Brasil para o bicampeonato nas quadras:

⁴⁵ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 10/02/1959, p.09.

⁴⁶ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 13/02/1959, p.14.

⁴⁷ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 04/02/1959, p.16.

⁴⁸ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 04/02/1959, p.16.

⁴⁹ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 05/02/1959, p.13.

No cenário da Guerra Fria, a partir de 1960, a revolução cubana se aproximou da URSS. Acordos comerciais com os soviéticos e outros países do Leste Europeu garantiram a sobrevivência econômica da revolução que nacionalizava empresas e propriedades de estadunidenses na ilha. Acordo militar garantiu armas da URSS para defesa da revolução. Os EUA pressionaram a OEA contra Cuba e, em 1961, financiaram a fracassada invasão à Baía dos Porcos (MOREIRA, *et al*, 2010).

No plano da corrida espacial, os soviéticos continuavam bem à frente dos EUA. Em 1961, a Volstok I colocou o primeiro ser humano no espaço, o cosmonauta Yuri Gagarin, em 1963, Valentina Tereshkova foi a primeira mulher e, em 1964, o primeiro voo com três tripulantes. Os estadunidenses, que em 1958 havia criado a NASA, sua agência espacial, conseguiram equilibrar a corrida em 1962 com a ida de John Glenn ao espaço. Desde então, uma série de viagens naquela década contribuiu para a propaganda de ambos os países sobre quem teria a superioridade tecnológica. Também em 1961, os alemães orientais iniciaram a construção do Muro de Berlim e, naquele início de década, os EUA já atuavam no Vietnã (FARIA e MIRANDA, 2015).

Nos Jogos Olímpicos de 1960 em Roma, mais uma vez a União Soviética ficou em primeiro lugar no quadro de medalhas, bem à frente dos EUA, segundo colocado. Destaque para a Alemanha que, embora dividida em zonas de influência estadunidense e soviética, competiu com uma equipe unificada e ficou em quarto lugar no quadro geral. No basquetebol, porém, os EUA venceram novamente a URSS e garantiram o ouro, seguidos pelo Brasil com o bronze.

Embora o Brasil tenha saído daqueles Jogos Olímpicos com apenas duas medalhas de bronze, outras conquistas do início daquela década deram grande repercussão mundial ao esporte brasileiro. Entre 1961 e 1965, o boxeador Éder Jofre manteve o cinturão Mundial do “peso-galo”. No tênis feminino, Maria Esther Bueno venceu os torneios de Wimbledon (1959, 1960 e 1964) e o US Championships (atual US Open) (1959, 1963, 1964 e 1966). Em 1962, numa violenta Copa do Mundo realizada no Chile, o Brasil mostrou força nos bastidores para garantir na final a presença de Garrincha que havia sido expulso no jogo anterior e conquistar o bicampeonato contra o selecionado da comunista Tchecoslováquia.

No plano político nacional, o país passava por tempos de agitação. Após a renúncia de Jânio Quadros, o golpe adiado com o suicídio de Getúlio Vargas estava novamente em marcha. A solução provisória do parlamentarismo que impedia a posse do vice João Goulart para agrado dos militares, elites econômicas e a embaixada dos EUA, foi derrubada pelo voto popular e o presidencialismo voltou. As pressões sociais por Reformas de Base movimentavam o país e aceleravam as conspirações golpistas (FERREIRA e GOMES, 2014).

O IV Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino estava previsto para acontecer nas Filipinas em 1963. O país, após a revolução contra os colonizados europeus em 1898, acabou sob domínio dos EUA que reconheceu sua independência apenas em 1946. Os filipinos lutaram nas fileiras estadunidenses na Guerra da Coreia e a região seguiu como importante aliado econômico e militar dos EUA no sudeste asiático ao longo

da Guerra Fria. Talvez em razão disso, os filipinos se recusaram “a aceitar em seu território a presença de atletas da Iugoslávia e de membros do Bureau Central [da FIBA] ligados à Cortina de Ferro”⁵⁰.

Diante de mais um impasse causado por motivos políticos, o Brasil, representado por João Havelange, se ofereceu para custear e receber o Campeonato Mundial. A FIBA então excluiu a seleção das Filipinas da competição e garantiu que a URSS, mesmo tendo sido punida no Mundial de 1959 por se recusar a jogar com a China Nacionalista (Formosa), poderia participar do Mundial no Brasil, que havia voltado a ter relações comerciais com os soviéticos em 1958 e diplomáticas em 1961.

Assim, em maio de 1963, as cidades de Belo Horizonte, Curitiba e São Paulo receberam os grupos da fase preliminar do Mundial⁵¹. A fase final com os dois primeiros de cada grupo mais o Brasil pré-classificado, foi realizada, toda ela, no ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, sempre lotado. Por se tratar de mais um evento Mundial no Brasil e tendo a seleção nacional grande chance de conquistar o bicampeonato, os três jornais dão grande cobertura à competição, com páginas inteiras, chamadas de capa e muitas fotografias. Também a TV Rio, canal 13, transmitiu as partidas ao vivo. Na abertura da fase final, o ginásio do Maracanãzinho recebeu grande festa com desfile de blocos de carnaval e escolas de samba. O *JB* fez questão de noticiar que os soviéticos foram vaiados pelo público presente, enquanto os estadunidenses receberam “algumas vaias, mas número bem superior de aplausos”⁵².

Na fase final, o Brasil logo estreou com vitória de 62 a 55 sobre Porto Rico enquanto os EUA “subestimaram um pouco o adversário [...] retiraram todo o time titular, para lançar mão dos reservas”⁵³ e a Iugoslávia os derrotou por 75 a 73. Em seguida, o selecionado brasileiro venceu a Itália por 81 a 62. A vitória sobre os o forte time iugoslavo por 90 a 69, apesar de contestada pelos adversários que culparam a arbitragem de um estadunidense e outro japonês⁵⁴, foi bastante comemorada pelos jornais: “numa atuação que levou o público às alegrias [...] Amauri e Vlamir em grande noite, a equipe brasileira realizou uma exibição espetacular” e “está em condições de aspirar ao título”⁵⁵.

Depois da vitória contra a França por 77 a 63, o adversário foi o selecionado soviético. O *JB* traz vários detalhes daquele “jogo disputado sob clima de intenso nervosismo, dentro e fora da quadra, tendo o técnico brasileiro Kanela tentado agredir o juiz uruguaio” para um público de 20 mil pessoas, apesar da atuação dos cambistas que vendiam os ingressos de Cr\$ 400,00 por Cr\$ 2.000,00⁵⁶. Na avaliação do *Diário de Notícias*, “valendo-se, principalmente, da precisão dos arremessos de meia-quadra no que

⁵⁰ Jornal *Diário de Notícias*, 26/04/1963, p.7.

⁵¹ Grupo A de URSS, França, Uruguai e Canadá; Grupo B com Iugoslávia, Porto Rico, Japão e Peru; Grupo C para EUA, Itália, México e Argentina. Os dois primeiros colocados de cada grupo, conforme a ordem acima, disputaram a fase final.

⁵² *Jornal do Brasil*, 11/05/1963, p.11.

⁵³ *Jornal Diário de Notícias*, 17/05/1963, p.20.

⁵⁴ *Jornal do Brasil*, 22/05/1963, p.12.

⁵⁵ *Jornal Diário de Notícias*, 21/05/1963, p.20.

⁵⁶ *Jornal do Brasil*, 24/05/1963, p.12.

estiveram excelentes Amauri, Vlamir e Rosa Branca”, o Brasil “deu um passo seguro em direção ao bicampeonato⁵⁷”, empolgou a torcida e a imprensa. A vitória por 90 a 79 transformou o vestiário em uma “euforia maluca [...] vitória que todos consideravam questão de honra desde as últimas Olimpíadas, quando se julgaram prejudicados pela brutalidade soviética na ocasião”⁵⁸.

No duelo particular entre soviéticos e estadunidenses, vitória dos comunistas por 75 a 74, nos últimos segundos no que o *Jornal do Brasil* classificou como “o melhor jogo deste campeonato, quer pela técnica quer pela emoção”⁵⁹. Assim, na última rodada do torneio bastaria o Brasil vencer os EUA para garantir o bicampeonato. Em caso de derrota, um jogo de desempate deveria acontecer contra Iugoslávia ou URSS, que ainda disputavam o título/vice.

Em 25 de maio de 1963, a Iugoslávia venceu a URSS por 69 a 67, garantiu a segunda colocação e torcia para que os estadunidenses vencessem os brasileiros. Porém, mesmo com o nervosismo do jogo, o apoio da torcida que mais uma vez lotou o ginásio ajudou o Brasil a vencer os EUA por 85 a 81. Os jornais relatam e fotografam intensa festa nas arquibancadas com confetes e serpentinas tomando conta da quadra⁶⁰. Na entrega das medalhas, o *JB* fez questão de destacar alguns fatos pitorescos: o público que cantou a plenos pulmões o hino nacional, também vaiou João Havelange, presidente da CBD; um jornalista italiano agarrou a bola do jogo e não quis devolvê-la; o técnico soviético foi atingido por uma bomba e precisou de socorro médico; Vlamir atirou os tênis para a torcida e um jogador uruguaio roubou os tênis de Pecente. Ainda no sensacionalista relato do *Jornal do Brasil*:

Os jogadores brasileiros, ao receberem suas medalhas [...] fizeram questão, um a um, de beijarem a madrinha da seleção, Denise Rocha de Almeida, seguindo o exemplo iniciado com os iugoslavos e que continuou com os russos. Mesmo depois de terminada a entrega das medalhas, os jogadores brasileiros não largaram Denise, procurando abraçá-la e beijá-la e ela teve que empregar grande astúcia para se livrar de seus carinhos⁶¹.

No dia seguinte à vitória, o *Jornal do Brasil* traz na capa a foto do capitão Wlamir levantando a taça, enquanto o *DN* exhibe seu ufanismo:

Complexo Maracanã acabou: o Brasil ganha em casa. O Brasil pagou ontem à torcida uma dívida contraída desde a Copa do Mundo de 1950 [...] o basquete deu ontem essa alegria que estava sufocada na garganta do povo, fazendo milhares de torcedores agitarem lenços brancos e cantarem [...] enquanto as serpentinas cruzavam em todas as direções, atiradas para a

⁵⁷ *Jornal Diário de Notícias*, 24/05/1963, p.19.

⁵⁸ *Jornal do Brasil*, 24/05/1963, p.12.

⁵⁹ *Jornal do Brasil*, 19/05/1963, p.32.

⁶⁰ *Jornal Diário de Notícias*, 28/05/1963, p.17.

⁶¹ *Jornal do Brasil*, 27/05/1963, p.24.

quadra, mesmo antes de terminar o jogo. [...] A fibra, a técnica, o sentido de equipe foram os fatos que entraram em grande escala nessa grande vitória do esporte brasileiro⁶².

O sempre poético Armando Nogueira também repercutiu o título brasileiro em sua coluna no *Jornal do Brasil*:

Os ingleses inventaram o futebol, os americanos inventaram o basquetebol, os brasileiros não inventaram coisa alguma, mas quem ganha os títulos somos nós. Aliás, seria de bom procedimento avisar desde logo aos imaginosos de outros mundos que não inventem mais esses jogos em que haja bola no meio porque está provado: foi redonda e quicou – é conosco. Não adianta: o instinto do brasileiro, a própria formação do homem brasileiro é do tipo esférico como a bola. Daí, os ganchos de Amaury, as bandejas de Vlamiir, os dribles de Garrincha e as tabelinhas de Pelé⁶³.

A equipe escolhida e treinada por Togo Renan Soares, o “Kanela” (Flamengo), paraibano de Campina Grande que mereceu uma reportagem de destaque no *DN*⁶⁴, foi formada com base em atletas que jogavam no estado de São Paulo, com destaque para: Amaury Passos (Sírio-SP), Vlamiir Marques (Corinthians), Antonio Sucar (Sírio-SP) Waldemar (XV de Piracicaba-SP) e Rosa Branca (Palmeiras). Amaury foi escolhido melhor jogador da competição e com Vlamiir formou a “seleção do Campeonato”.

Pós festa, o *JB* noticiou que, segundo a CBB, a arrecadação das bilheteria da fase final foram suficientes apenas para pagar as despesas de estadia e transporte interno das equipes no Rio de Janeiro. Assim, “dependerá do pagamento da subvenção prometida pelo Governo Estadual a completa cobertura financeira do IV Mundial de Basquete”⁶⁵. Antes de embarcarem para Cuba onde fariam amistosos, os soviéticos comentaram o Mundial. Para eles, Vlamiir e Amaury foram os melhores jogadores e admitiram o estranhamento diante da disposição da torcida brasileira⁶⁶.

Como de praxe, os campeões foram à Brasília para serem homenageados pelo presidente João Goulart. O presidente aproveitou para capitalizar politicamente a conquista dos atletas, alegando que a vitória dá mais ânimo e força ao Poder Executivo para investir em esportes⁶⁷. Além disso, prometeu “conceder financiamento de automóveis, por intermédio da Caixa Econômica, a todos os jogadores” que “receberam com alegria a comunicação” e imediatamente se interessaram no assunto “querendo saber quais as providências necessárias para o registro de inscrições e se era possível obter veículos de qualquer marca”⁶⁸.

⁶² *Jornal Diário de Notícias*, 26/05/1963, p.11.

⁶³ *Jornal do Brasil*, 28/05/1963, p.13.

⁶⁴ *Jornal Diário de Notícias*, 28/05/1963, p.18.

⁶⁵ *Jornal do Brasil*, 28/05/1963, p.14.

⁶⁶ *Jornal do Brasil*, 30/05/1963, p.15.

⁶⁷ *Jornal do Brasil*, 30/05/1963, p.16.

⁶⁸ *Jornal do Brasil*, 31/05/1963, p.13.

Considerações Finais:

No trato dos jornais, pudemos observar a grande importância de capa e manchete dedicadas às notícias internacionais, principalmente no *Estadão*, bem como a volumosa quantidade de informações sobre os países do Leste Europeu, sempre em tom de alarmismo à “ameaça comunista”. Em 1954, os jogos foram realizados em contexto do Protocolo de Paris que pôs fim à ocupação na Alemanha Ocidental e iniciou as tratativas para uma “União da Europa Ocidental”. Em 1959, o grande assunto de todo o mês de janeiro foram os primeiros dias da Revolução Cubana, tendo o *OESP* mandado o jornalista José Quiroga para entrevistar Fidel Castro e Che Guevara. Em 1963, o jornal dedica suas capas e manchetes à política brasileira, a visita do FMI ao país, as críticas de Carlos Lacerda, militares e ruralistas ao presidente João Goulart por insistir em fazer as Reformas de Base.

Quanto aos cadernos esportivos dos jornais, é digno de nota o destaque dado a praticamente todos os esportes: turfe, boxe, tênis, judô, natação, ciclismo, atletismo, automobilismo, esgrima e bastidos políticos. Claro que a maioria dos assuntos dizem respeito ao futebol. Impressiona a abundância de informações sobre campeonatos europeus e a quantidade de jogos amistosos dos clubes brasileiros no exterior. Em 1954, Flamengo e Olaria estavam na Alemanha Ocidental, o Madureira na Alemanha Oriental, o São Cristóvão-RJ na Tunísia. Em 1959, o Bangu esteve na Colômbia, o Flamengo no Peru e o Santos no México. Em 1963, o Madureira visitou Cuba e o México, o Flamengo esteve na Dinamarca e na URSS, o Botafogo em Marrocos, o Vasco no continente africano, o Santos na Iugoslávia, o Bonsucesso-RJ no Equador, o Fluminense na Suécia, a Portuguesa-SP na Itália.

Os títulos do Brasil no basquetebol incentivam a CBB a organizar a Taça Brasil a partir de 1965⁶⁹, a primeira competição que pretendeu reunir equipes campeãs dos seus estados e cujo vencedor representaria o país no Campeonato Sul-Americano. Os times do estado de São Paulo mantiveram larga hegemonia de títulos. No basquete internacional, o selecionado brasileiro nunca mais conseguiu repetir grandes conquistas, embora se mantivesse, até meados da década de 1970, entre as quatro principais seleções do planeta. Nos Mundiais, URSS e Iugoslávia alternaram-se nos títulos dos próximos cinco campeonatos, o Brasil conquistou um vice e dois terceiros e os EUA um vice e um terceiro, até conquistar o campeonato novamente em 1986.

Nos Jogos Olímpicos, até o boicote liderado pelos estadunidenses em Moscou (1980), devolvido sob liderança soviética em Los Angeles (1984), a rivalidade esportiva e propagandística das suas superpotências continuava acirrada. Em Tóquio (1964), os EUA venceram o quadro de medalhas com mais ouros, mas a URSS teve mais medalhas totais; na Cidade do México (1968), novamente os EUA venceram o quadro de medalhas, seguidos da URSS; já em Munique (1972) e Montreal (1976), os soviéticos recuperaram a

⁶⁹ Realizada até 1989. Entre 1990 e 2008 aconteceu o Campeonato Nacional quanto então foi substituído pelo Novo Basquete Brasil (NBB).

ponta no quadro de medalhas, seguidos pelos EUA, em 1972, e pela Alemanha Oriental (RDA) nos Jogos do Canadá, onde os estadunidenses terminaram apenas em terceiro lugar. Quanto ao basquetebol olímpico, os soviéticos só ganharam o ouro em 1972, sendo todos os demais títulos para os EUA.

Em suma, este artigo, ao contar a história Campeonatos Mundiais de Basquetebol de 1954, 1959 e 1963, mostrou que, apesar da resistência de parte da academia, há potencial campo de pesquisa para a reflexão historiográfica e sociológica que articule e debata as disputas políticas, militares, econômicas e ideológicas com as rivalidades esportivas. Como argumentou Douglas de Vasconcelos, o esporte “serviu de móvel, mote e meio de propagandas nacionalistas [...] de instrumento e cenário de sua divulgação institucional dos países, de percuciente formação de imagem externa” (2011, p. 7). Aqui, é perceptível que no contexto de início da Guerra Fria, o antagonismo EUA e aliados x URSS e aliados incidiram decisivamente nos resultados das quadras de basquetebol nos Campeonatos Mundiais organizados pela FIBA.

Referências bibliográficas:

BURKE, Peter. A nova história: seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FARIA, Ricardo de Moura e MIRANDA, Mônica Liz. *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015.

FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Diego Santos Vieira de. *Foices e martelos no olimpo: a política esportiva da União Soviética e as relações com o mundo capitalista*. Record: Revista de História do Esporte. Volume 3, número 2, dezembro de 2010.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, Luiz Felipe Viel *et al.* *As relações internacionais da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MUNHOZ, Sidnei. *Ecos da emergência da Guerra Fria no Brasil (1947-1953)*. Revista Diálogos (UEM), v.6, 2002.

PIPERNO, Fábio. *Jogada política no esporte: o confronto entre os jogos políticos e os esportes olímpicos*. São Paulo: Editora SESI-SP, 2016.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Juliano e MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP). Vol. 27, n. 4, out/Dez de 2013.

VASCONCELOS, Douglas Wanderley de. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

VIZENTINI, Paulo. *A Guerra Fria*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et al* (orgs.). *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Recebido em 3 de agosto de 2018

Aprovado em 11 de abril de 2019